

A REPRESENTAÇÃO DO EU OCULTO NA SOCIEDADE **Florita Rêgo (FAC. SÃO MIGUEL E FACIR)**

No século XIX a mulher encontrava-se restringida à casa e interdita para a vida pública, confinada à arquitetura patriarcal. Inúmeras dificuldades foram vencidas para ocorrer o desprender dos padrões que apontavam a mulher como louca, quando a mesma se dedicava ao ato de escrever. Mas, numa perspectiva de vóo livre, muitas mulheres escreveram e investiram para publicar seus sonhos, seus impulsos subversivos e melodramas.

A mulher como produtora de discursos e de saberes reivindicava, desde então, um espaço de discussão que a possibilitasse instaurar um recorte diferencial na escrita e leitura de textos literários. A presença da mulher, no tecer da composição como escritora, como leitora, ou como personagem protótipo da libertação feminina já fazia parte do interesse e da preferência dessa fêmea que buscava tratamento igual perante a sociedade.

No Brasil, quando a leitura foi vista com caráter institucional juntamente com a literatura estiveram intimamente ligadas e/ou relacionadas às questões de poder e de ideologia. Se lançarmos nosso olhar para a tentativa de organização de uma literatura brasileira, perceberemos que a distribuição do saber e da cultura no território nacional foi desigual e que as mulheres foram prejudicadas em todo o seu progresso.

A abertura de escolas femininas nas principais províncias lançava o olhar de valorização na literatura e na escrita, mas trazia oculto em sua grade curricular a vontade de mostrar a inferioridade intelectual das mulheres. Ensiná-las a ver que eram incapazes de pensar ou escrever, como os meninos, contemplava os interesses dos poderosos que viam na educação o objetivo maior de preparar as mulheres para sua vocação de mulher (DUARTE, 1996, 25).

O obstáculo maior que as autoras enfrentaram ao descobrir-se escritoras se prendia a “autodefinir-se em virtude da socialização”, nos mostra Norman Telles (1992). A função da fêmea era particularmente habilitar-se na condução do lar o que priorizava a presença masculina autoritária, em todos os sentidos. Então, as escritoras para serem reconhecidas, teriam de preservar uma conduta amorosa limitada e engrandecida sob essas orientações.

Em um mundo à parte, a mulher vivia restrita a um espaço, rigidamente estabelecido, padecendo limitações e oprimida pela “natureza feminina” que a apontava como “anjo do lar”, “maternal” e “delicada”, e seus escritos teriam que passar por estes temas o que a diferenciaria dos homens. Mas, Narcisa Amália, bravamente em vanguarda, teve a coragem de dizer em 1889 que “a pena obedece ao cérebro, mas se o cérebro submete-se antes ao poderoso influxo do coração, como há de a mulher revelar-se artista se os preconceitos sociais exigem que o seu coração cedo perca a probidade, habituando-se ao balbucio de insignificantes frases convencionais?” (TELES, 1992, 55).

As palavras de Narcisa Amália, nos parece, faziam parte do íntimo universo da mulher guerreira Ana Lins de Guimarães Peixoto Brêtas, a Ana, Aninha, que era pequenina, franzina, eternamente atarefada, que virou Cora Coralina – pseudônimo -, para

disfarçar que tinha voz apaixonada e emocionante, e mesmo sendo moça prendada e casadoira, era escritora. Envolvida nos sonhos que permeiam a vida de uma jovem adolescente, a poet[is]a corajosamente contra as ordens do marido continuava a trabalhar as idéias que lhe vinham a mente e as escrevia em canções. Esta ousadia de se dizer escrevendo fará parte da presente análise que fundamentaremos nas imagens construídas no poema *Todas as Vidas*.

Descrevendo as atribuições da mulher na sociedade, a escritora Cora Coralina realiza um vôo libertário de uma fêmea destemida e guerreira. As vozes vivas da comunidade feminina se encontram tecidas neste poema escolhido para o estudo. As palavras selecionadas pelo eu lírico nos levam a ouvir e sentir através das idéias manipuladas. As representações dos papéis vividos pelas mulheres rimam entre si, e mais, nos provocam e emocionam.

Lendo o poema *Todas as Vidas*, alcançamos que a criação poética de Cora Coralina, com sua singeleza no verbalizar os seus sentimentos, contribuiu para ela “se dizer” segundo Luzilá Ferreira (2004, 25). Para nós, “a linguagem que sustenta o poeta possui duas características: é viva e comum” (PAZ, 1982, 47). Em virtude desta reflexão, construímos um juízo e declaramos que a obra desta autora contempla esta visão.

A escritora Cora cursou, apenas, o primário, pois naquela época, moça habilidosa e prendada não deveria perder tempo com manuscritos, mas o amor às letras foi o suporte, a base na vida dessa mulher. Mesmo sofrendo e enfrentando preconceitos e dissabores ao longo da vida - que a atrasaram, mas não a impediram - ela se sobressaiu no mundo da palavra, mesmo escondida por um nome falso e/ou artístico, porém feminino.

Acreditamos que, demonstrando uma paixão pela vida e uma vibrante tendência em fazer fluir no ritmo das cordas vocais o que lhe atravessava o coração, a poet[is]a Cora Coralina escreveu poemas. Considerada mestra na arte de declamar e interpretar, ela confundia desavisados sobre o que era realidade e/ou fantasia em suas palavras. No entanto, esta poet[is]a só publicou o seu primeiro livro aos 75 anos após Carlos Drummond de Andrade atestar o seu indiscutível talento. Por sorte, a Ana Lins de Guimarães Peixoto Brêtas estava, ainda, entre nós. Com a inspiração transbordando em sua mente a escritora desprezava os limites e desenhava a sua emoção em letras e expressões como nos versos de *Todas as Vidas*

Vive dentro de mim
uma cabocla velha
de mau-olhado,
acorada ao pé do borralho,
olhando para o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.
Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.
Rodilha de pano.
Touca de roupa,
pedra de anil.
Sua coroa verde de São-Caetano.

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada, sem preconceitos,
De casca-grossa,
De chinelinha,
E filharada.

Vive dentro de mim
a mulher roceira.
– Enxerto da terra,
Meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos,
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
Tão desprezada,

Tão murmurada...
Fingindo ser alegre
seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida –
A vida mera das obscuras!

A simplicidade e o despojamento da linguagem presentes no texto *Todas as Vidas* não significam, jamais, pobreza de vocabulário ou de idéias mais elevadas, muito ao contrário, pois a obra de Cora Coralina revela elevada grandeza de espírito e alto poder de expressividade. O assunto, nessa composição, trata e representa o cotidiano desta e/ou de outra mulher que viveu nos anos finais do século XIX e a maior parte de sua vida durante o século XX no Brasil.

A voz que faz eco nos versos rompe a estabilidade do sujeito feminino ao apresentar a equivalência entre a imagem e a identidade da mulher cidadã naqueles idos, particularizado em:

Vive dentro de mim
uma cabocla velha (v.1 e 2);

(...)

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho (v. 11e 12);

(...)

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira (v. 19 e 20);

(...)

Vive dentro de mim
a mulher do povo (v. 31 e 32);

(...)

Vive dentro de mim
a mulher roceira (v. 39 e 40);

(...)

Vive dentro de mim
a mulher da vida (v. 51 e 52);

A invisibilidade da mulher no terreno social refletia e reflete as questões do enquadramento identitário que a história e a cultura gráfica conservavam por enfatizar o propósito da ideologia dominante. A pessoa delineada nos versos pelo eu lírico não

interroga simplesmente a imagem da mulher, mas o lugar discursivo e disciplinar de onde a identidade é estratégica e institucionalmente reconhecida.

A luz projetada, na argumentação do eu lírico, mostra a importância não reconhecida dos papéis que o sujeito feminino desempenhava na sociedade, principalmente na família. O olhar na interioridade do sujeito revela sua escolha. Por isso, a poet[is]a repete várias vezes o advérbio “dentro”. Esta palavra desvenda para nós o propósito de declarar que o poema *Todas as Vidas* deve compreender o completamente ou inteiramente de um Ser Humano. Os altos e baixos vivenciados, para o eu lírico, constroem uma “...mulher do povo/ Bem proletária” (v.32 e 33).

Analisando “a representação do eu escondido” e tendo por base o texto *Todas as Vidas*, defendemos neste ensaio, à luz de Homi Bhabha (1998) que, sendo a imagem sempre um acessório da autoridade e da identidade, ela não deve ser vista e lida como uma negação necessária da identidade, mas da ocupação do espaço pelo ser social. O eu indivíduo não deve passar pelo processo de deslocamento e de diferenciação (ausência/presença, representação/repetição), mas na valorização do sujeito estabelecido diante da Lei. A negação da mulher – considerando sua invisibilidade social e política – é produzida pela afirmação machista que constrói as relações sociais.

Utilizando-se do discurso descritivo, Cora Coralina mostra neste poema a vida de diversas mulheres deste imenso Brasil. Desde a contribuição da singela benzedeira interiorana que na falta de profissionais da saúde, usava de orações para curar crianças e pessoas adultas acometidas do conhecido mau-olhado e/ou outros males. Ainda na primeira estrofe, a escritora apresenta a crença trazida por nossos irmãos africanos que participaram da formação da etnia brasileira, da língua falada e escrita, influenciando muito mais do que se imagina esta terra “Pindorama”.

No poema não foi esquecida a preciosa figura da lavadeira que, por inúmeros anos, limpou as roupas das famílias abastadas para assegurar o próprio sustento e o de seus filhos. Carinho e reconhecimento do desvelo são pressentidos no dizer “seu cheiro gostoso/ d’água e sabão (v. 13 e 14). Ao destacar a “Rodilha de pano” (v. 15) que majestosamente é comparada à coroa de São Caetano é mostrado ao público o tratamento declinado a essas serviçais ou mesmo às mulheres que tinham de aceitar como suas esta tarefa. Delicadamente, são citados os papéis desempenhados por mulheres, demonstrando a sensibilidade da autora que provavelmente deu voz às funções que eram destinadas ao indivíduo que nascesse mulher.

Trabalha o eu lírico com o verbo “viver”, que focaliza um leque de proposições de construção de uma existência pautada em compreensão interiorizada que nos favorece com uma lição do bem viver, do ser feliz, do confiar em si e no Outro. Uma lição de valorizar a mulher simples ou mais letrada que se desdobra realizando tarefas caseiras – é mãe, avó, cozinheira, lavadeira ... amante. - Cora Coralina vivenciando e descrevendo as múltiplas atribuições, representando e sofrendo pelas mulheres, suas irmãs.

Refletindo sobre as imagens trazidas nas representações da composição *Todas as vidas*, podemos inferir dizendo que houve “uma denúncia ao desrespeito para com o diferente [no poema citado, a mulher]” (RÊGO, 2004, 115), e este desigual é o Outro com sua característica própria e sua identidade feminina e/ou masculina, de raça

branca/preta/mestiça/amarela, pertencente à classe social rica ou pobre, sendo considerado letrado ou iletrado.

O sentimento da mulher que cresce juntamente com o seu corpo e o seu desejo sensual, sexual, de alto estima e de identidade socialmente reconhecida face ao estado constituído não são respeitados nem ponderados. Naquela época, a mulher não era vista como ser pensante e nem era preparada para ocupar um lugar na vida pública. Muito menos ainda ocorria, pois a cidadã não tomava conhecimento dos seus direitos e de seus deveres como ser humano diante da sociedade constituída. Portanto, a mulher, nesse momento, se informava e aprendia a buscar seu espaço sob duro rigor no mundo dos estranhos, enfrentando as intempéries do percurso.

Desde o título, o eu lírico aponta redimensionando a cooperação da mulher em todos os papéis que a vida lhe oferece. A representação desses papéis tece a história da mulher que simboliza uma narrativa de tantas outras anônimas que, oprimidas pela ação do poder dominante, aliás, fundamentado na fé religiosa, elas deveriam cumprir com a “missão” de bem preparar “quitute bem feito” (v.22), pois estavam predestinadas.

A atribuição do cozinhar não é, em nosso juízo, menor. No entanto, o eu lírico mostra quão menor era considerada esta atividade a partir da própria descrição do lugar onde eram preparadas as comidas da família. Sem esmero o local é descrito:

Cozinha antiga
Toda pretinha
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.

Lendo atentamente o texto percebemos os fatores exteriores, nos quais se desenrolaram a existência do ser humano Cora Coralina – a Ana Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas. A representação dos “eus” na trajetória de vida das mulheres nos faz compreender a importância de retirá-los do anonimato, do desconhecido. Pois, a história das mulheres exposta e trazida nos versos de *Todas as vidas*, nos leva a comungar com Luzilá Ferreira quando diz:

... a literatura é um dos meios de investigação e de construção do real. Meio de conhecimento que difere do discurso científico, porque se articula sobre experiências e não sobre conceitos. Essas experiências são particulares, pessoais, oscilando entre o coração, o intelecto e a vivência social. [...] Quem escreve, escreve um pouco por se sentir transitório, passageiro, e pela urgência de dizer, de se dizer, de deixar, talvez, suas cicatrizes sobre a terra, como escreveu André Malraux – escrevemos para dar um testemunho de que, algum dia existimos (FERREIRA, 2004,25).

Refletindo sobre as palavras de FERREIRA compreendemos que todos, mas sobre tudo a mulher necessita “...de se dizer...”. E, acrescentamos ainda que: “Existe um eu

feminino que se investe no texto, um eu que se sabe mulher, se sente mulher, se relaciona com os outros como uma mulher, é vista pelos outros como mulher”(FERREIRA, 2004, 25). Esta explicação preenche a nossa expectativa no estudo de textos que apresentam um eu lírico feminino e justifica o nosso juízo no que representa uma literatura feminina.

A noção de solidão presentida, trabalhada no poema, transmite a angústia que fazia parte do universo feminino por estar sempre oculto. Despreparada para a labuta pública, a mulher exercia, apenas, funções consideradas menores, mas não menos importantes. Com primor, as palavras buscam demonstrar o íntimo feminino e declaram, através do eu lírico, as possíveis e esperadas fases de diferentes mulheres, presentes nos versos:

Vive dentro de mim
a mulher roceira.
-Enxerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos,
seus vinte netos (v. 39 a 50).

Fecunda sonoridade dessas palavras construídas nesses versos que nos levam a sentir e imaginar a carga discriminatória às mulheres e nos fazem recriar o passado dessas fêmeas em nossa reflexão. Na época, as mulheres não conseguiram, durante muito tempo, reunir a capacidade de contornar e de vencer arraigados preconceitos que as estigmatizavam pois “analfabeta[s]” (v.45), como incapazes para qualquer outra função que não fosse a de desempenhar a atividade doméstica, quando muito a de “Madrugadeira/ Bem parideira/ Bem criadeira” (v. 44, 47 e 48). Elas precisavam reconhecer, naqueles idos, que a vida tinha duas faces: uma positiva e outra negativa e enfrentá-las.

Ouvindo a voz da autora nos versos é possível perceber o destemor de algumas mulheres, mesmo consideradas “linguарudas e/ou falantes” (v.34), porém corajosas de enfrentar a intolerância. Muitas vezes driblar o preestabelecido e se fazer perceptível não apenas na cozinha e no prazer em seu leito de amor, era uma atitude vanguardista, mesmo sem conhecer com clareza este proceder.

A percepção do mundo apresenta-se, aos olhos da poet[is]a não apenas através da suja fuligem encontradas nas cozinhas naqueles idos, mas com perspectiva de enxertos. A possibilidade de introduzir o novo fazia parte de um sonho de algumas mulheres. Embora a sorte de conseguir um marido simbolizasse privilégio para a mulher mesmo que tivesse de renunciar a sua participação pública.

A felicidade era pintada pelo favoritismo e proteção que o homem poderia proporcionar à mulher. Este raciocínio era trabalhado na educação feminina para que ela se sentisse contemplada apenas com a tarefa de obedecer às exigências ditadas pelo pai

primeiramente, seguido pelo marido. Mas, para algumas que se viam como co-participantes na construção da família, receber ordem não representava a melhor forma de viver.

A crítica feminista articulada poeticamente contra a discriminação e ao machismo transluz permitindo que a mulher se revelasse e mostrasse sua face criadora e produtora, claramente presente no poema estudado. Toda a opressão que se impunha à mulher marcou profundamente o Brasil e a presença dessa fêmea na luta de ser vista como ser pensante, contribuinte na organização e construção da sociedade foram, paulatinamente, percebidas.

No campo das letras, as mulheres sempre existiram, pois não aprenderam a silenciar os seus desejos e angústias, conseqüentemente, suas produções. Poucas foram as que se mostraram. Até pouco tempo atrás, a entrada de mulheres no círculo acadêmico era inconcebível. A história das grandes academias de letras testemunha a luta de muitas mulheres que tentaram ser aceitas como intelectuais em meio aos homens.

Na redemocratização do Brasil, durante as três últimas décadas do século XX, na conquista de um país mais próspero e feliz, passamos a perceber, não apenas, a presença das mulheres como ativista na política, mas houve, também, as que buscaram por ficcionistas e críticas preocupadas em demonstrar os novos valores cultivados pela cidadã brasileira.

Portanto, quando o eu lírico declara que “Vive dentro de mim / A mulher da vida / Minha irmãzinha” (v.51 a 53), sentimos que somos levados a construir novos referenciais ao que concerne o julgamento do outro, principalmente no oculto espaço, não declarado pela sociedade, dessa mulher que, difamada e desacreditada, talvez finja alegria no seu triste destino.

Nos últimos versos, sabia e liricamente, foi tecido a insignificância da vida feminina, apesar de tanta dedicação, trabalho e desdobraimento. Tudo sem ser visto ou reconhecido, obscuramente na penumbra: o sombrio tenebroso e ignorado e “...triste fado” (v.51). O resultado apontado para o percurso em *Todas as vidas*, nos leva a desejar viver numa terra onde fosse cultivado o relacionamento entre as pessoas com respeito. Que houvesse uma força imaterial contínua que ligasse a humanidade sem se aperceber das diferenças de sexo, etnia, classe social...

O lirismo nos envolve no poema analisado e nos conduz à crença de que na persistência de um fazer diferente consiste a mudança de comportamento e visão do ser humano. A denúncia ocorrida no desabafo final do eu lírico “Todas as vidas dentro de mim: / Na minha vida - / A vida é mera das obscuras” (v. 59) aponta para a vida da mulher que era ignorada e não reconhecida. Mostra o quanto a fêmea circula como uma sombra na família e na vida social e pública.

A contribuição das produções escritas por Cora Coralina, por outras mulheres e tantos homens foram imperiosas no mostrar que a sensibilidade criativa não depende de sexo, nem tão pouco de grau de instrução, pois a historiografia da literatura brasileira nos vem apontar nomes que brilham no cenário intelectual e poético, que colaboraram em particularizar o surpreendente. Fala Aristóteles (1993) que “não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade”. Por isso, dizemos que o poema

Todas as vidas, representa, ao descrever os papéis assumidos pelas mulheres na sociedade, o eu oculto sem a sua reconhecida valorização.

A escritora/poet[is]a em seu estilo de escrever se apossou de palavras que marcam o espaço vazio revelado pelos escritos femininos que, teoricamente, eram considerados pelo poder constituído como inexistentes e nos legou inúmeros contos, crônicas de tempos passados e do presente. Atuou a jovem Aninha como verdadeira jornalista, observadora e crítica fiel ao relatar os fatos e acontecimentos que nos entusiasma a prosseguir na pesquisa, no estudo e na análise de suas canções.

A memória, vista por nós como uma evocação do passado, é trabalhada no texto pelo eu lírico e nos faz ver que a poesia é algo filosófico e mais sério, pois se refere, principalmente, ao sentimento demonstrado no particular do ser feminino. O lírico, o social e o humano entrelaçam-se numa combinação na sintaxe, no ritmo e na imagística.

A capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total é bem aproveitada pela poet[is]a. A lembrança social ou histórica é fixada por uma sociedade através de mitos-fundadores e de relatos, registros, documentos, monumentos, datas e nomes de pessoas, fatos e lugares que possuem significado para a vida coletiva. Excetuando-se os mitos, que são fabulações, essa memória é objetiva, pois, há no texto, instrumentos, objetos, ornamentos e experiência da vida feminina – presença real da memória.

O encadeamento do tecer dos versos no poema demonstra que não se mata a idéia ou o talento de quem a criou. A questão da criação feminina percorreu por muito tempo como proibido e danoso. Agora, em um novo momento, o vazio dessas escrituras está sendo preenchido por projetos de itinerários diversificados.

A partir das observações acima, fica mais fácil apreender o lirismo moderno, de conteúdo explicitamente social, que se vem contrapondo aos conceitos da “imediatez” e pelas limitações de sua existência, cultivando um saudosismo sem pieguismo, certa de que os tempos atuais são infinitamente melhores, uma crença na contemporaneidade e no futuro, não obstante as mazelas que soube a poet[is]a Cora Coralina apontar e denunciar na composição *Todas as vidas*.

Referências bibliográficas:

- ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Souza (1993). São Paulo: Ars Poética Ed. Ltda.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves (1998). Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- CORALINA, Cora. *Todas as vidas*. In: **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. (1983). São Paulo: Global Editora.
- DUARTE, Constância Lima. Estudos de Mulher e literatura: história e cânone literário. In: **VI Seminário MULHER E LITERATURA** (1996). ANAIS. Rio de Janeiro: 11 a 13 de setembro.
- FERREIRA, Luzilá Gonçalves. Escrita feminina. In: **Continente multicultural** (2004). Ano IV, nº 48. Recife: CEPE, dezembro.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary (1982). 2ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,

RÊGO, Florita. **Mito e identidade**: a índia e a mestiça em Marabá, de Gonçalves Dias (2004). Recife: Ed. Nova Presença.

TELLES, Norma. Autor+a. In: JOBIM, José Luís (orgs). **Palavras da crítica**. Tendências e conceitos no estudo da literatura (1982). Rio de Janeiro: Imago.